

100 ANOS

Paulo
Freire



UM LEGADO VIVO
EM NOSSAS RESISTÊNCIAS



EDIÇÃO 3 | SETEMBRO 2021

ARGUMENTA

CADERNO DE DEBATES

Publicação do Mandato da Deputada Estadual Sofia Cavedon (PT)

EDIÇÃO 3 | SETEMBRO DE 2021

ARGUMENTA

CADERNO DE DEBATES

100 ANOS

Paulo Freire

UM LEGADO VIVO

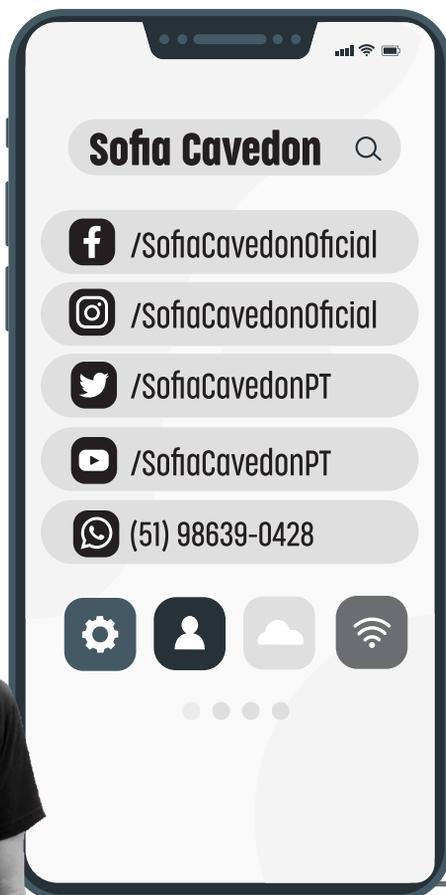
EM NOSSAS RESISTÊNCIAS

Publicação do Mandato da Deputada Estadual Sofra Cavedon (PT)

EXPEDIENTE

Organização
Erick Kayser

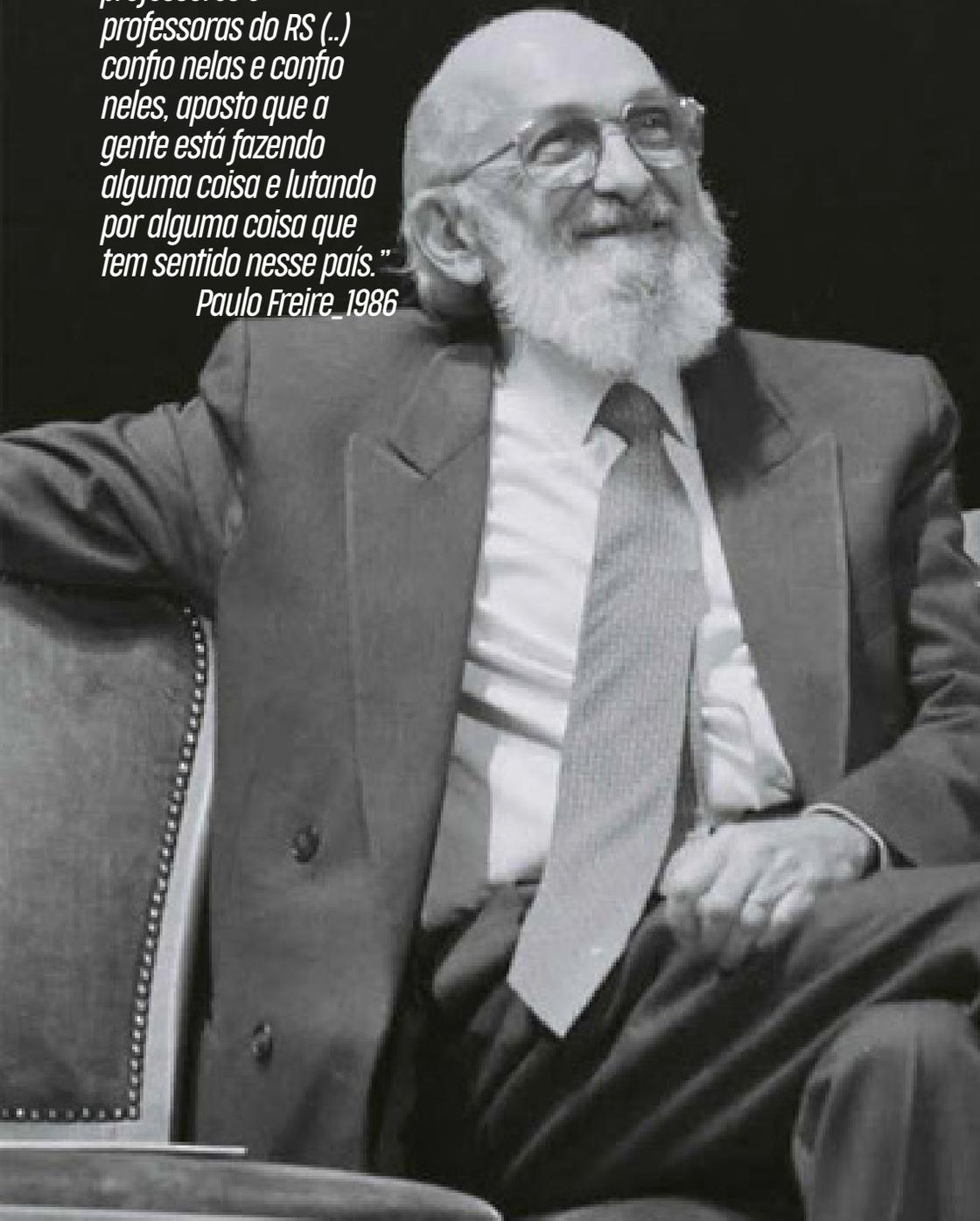
Textos
José Clóvis Azevedo, Sofia Cavedon
e Ana Lúcia Souza de Freitas.



“

professores e professoras do RS (..) confio nelas e confio neles, aposto que a gente está fazendo alguma coisa e lutando por alguma coisa que tem sentido nesse país.”

Paulo Freire_1986





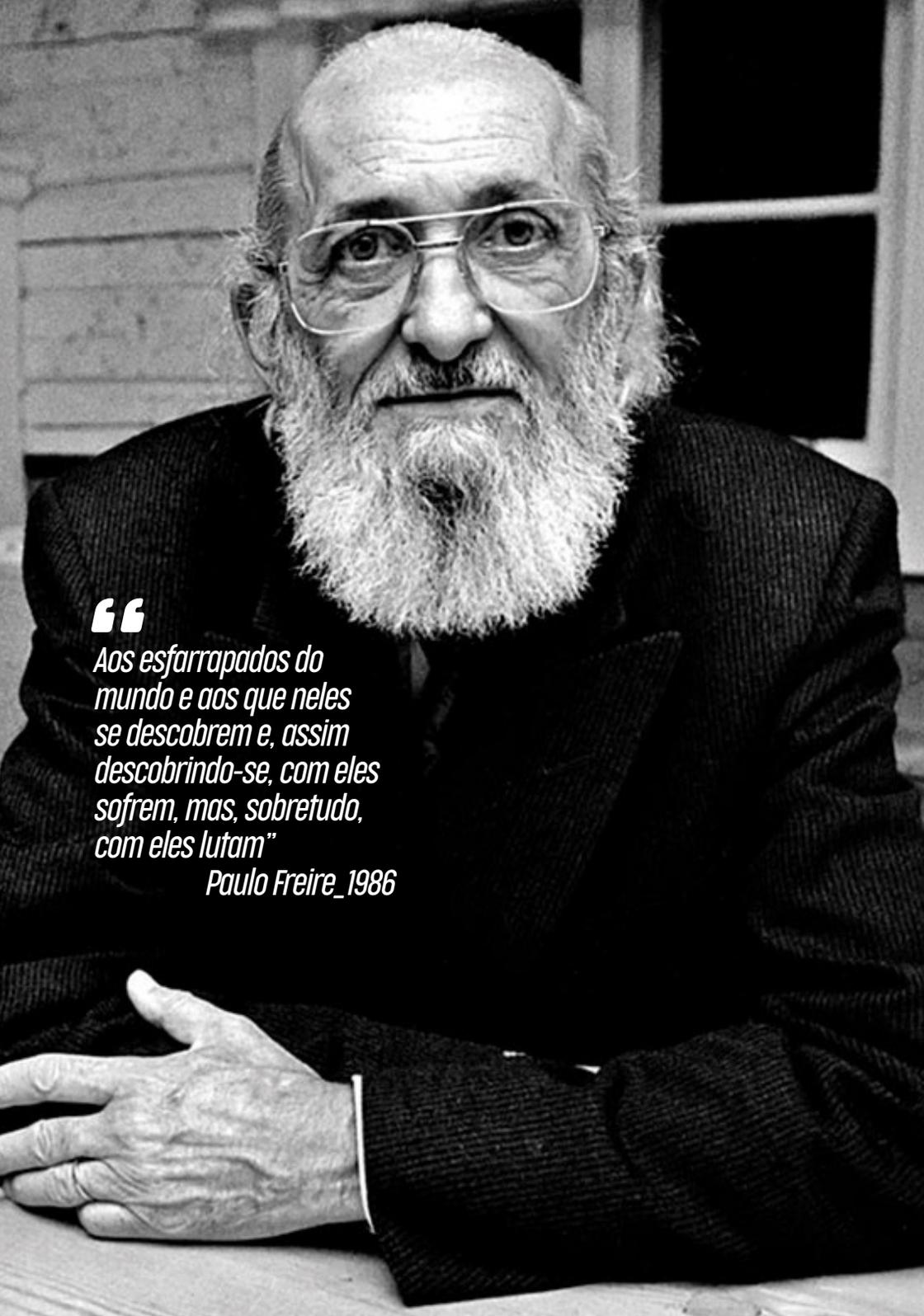
APRESENTAÇÃO

Este ano celebramos o **centenário do nascimento de Paulo Freire**, um nome que sua simples evocação já nos remete a uma mensagem de educação transformadora, por esta razão, organizamos esta edição especial dos cadernos Argumenta com um dossiê em sua homenagem. Não é por acaso que milhares de educadoras e educadores em todo o país encontram na obra de Paulo Freire ferramentas valiosas para seu ofício. Reconhecido como patrono da educação brasileira após a lei 12.612, de 2012, seu legado e reflexões estão mais atuais do que nunca.

Os recentes ataques proferidos pela extrema-direita contra a imagem de Freire sinalizam a **capacidade transformadora contida em sua concepção de educação**. Para os promotores das desigualdades sociais e da intolerância, qualquer perspectiva inclusiva para as populações pobres é tida como uma ameaça e é justamente esta possibilidade da inclusão pela educação que eles buscam negar ao combater o pensamento freiriano. Felizmente, a vida segue pulsante em nosso Brasil e esta longa noite fascizante no país não tardará a ser superada pelas luzes da esperança irradiadas pelas lutas populares.

Em tempos obscurantistas, o potencial libertador da educação é ainda mais desafiado e necessário. Em certo sentido, o ato de educar, em si, converteu-se em um ato de resistência. Como já ensinava Freire: “onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender”.

Para esta edição contamos com uma apresentação e resenha de **José Clóvis de Azevedo** para uma entrevista inédita realizada com Paulo Freire em 1986, que será publicada pela primeira vez nesta edição. Além disto, contamos ainda com textos de reflexão da professora e deputada **Sofia Cavedon** e da pesquisadora **Ana Lúcia Souza de Freitas**. Esperamos com esta publicação dar nossa contribuição para os debates freirianos em seu centenário e para o próprio futuro da nossa educação.



“

Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”

Paulo Freire, 1986

HISTÓRIAS DE ENCONTROS COM FREIRE: CAMINHOS DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

José Clóvis de Azevedo¹

Ao receber um convite para publicar a entrevista que fiz com Paulo Freire em 1986, dei-me conta que já se foram trinta e cinco anos depois desta conversa.² Então me senti desafiado a refazer minha memória de Freire, em tempos muito mais recuados na História. Onde mesmo estava e quando ouvi a primeira referência a Paulo Freire?

Era março de 1963, iniciávamos o ano letivo na terceira série ginasial, no Colégio Estadual Pedro Schneider, o Pedrinho, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Era um tempo de efervescência política, debates, polêmicas e conflitos sociais. O presidente João Goulart havia lançado a proposta das Reformas de Base, o que provocaria um grande confronto de ideias no debate sobre a reforma agrária, a reforma bancária, a reforma urbana e a independência nacional. Talvez tenha sido o único momento na história do nosso país em que parcela significativa do povo discutiu um projeto estratégico de construção nacional. A discussão das Reformas de Base foi acompanhada de um conjunto de fatos e movimentos culturais que fortaleceram a autoestima e a identidade nacionais, mobilizando a população no campo e na cidade, criando a esperança de um novo Brasil.

Havia algo diferente no ar. Tudo parecia convergir para uma ruptura com o atraso, com a herança escravocrata e com a dominação no campo e na cidade. Várias energias brotavam de um solo fértil e aberto à criação. Um país conhecido por exportar café, cacau e alguns poucos produtos da terra começava a exportar cultura. Assim foi no cinema com o surgimento do movimento chamado Cinema Novo,

1. Professor, pesquisador, doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), Licenciado e Bacharel em História pela Universidade Federal do RS (UFRGS), foi Secretário de Educação de Porto Alegre e Secretário de Estado da Educação do Rio Grande do Sul.

2. A entrevista na íntegra pode ser acessada na através do link no youtube: <https://bit.ly/3ziJ8t6>

fortalecido com a premiação do filme “O Pagador de Promessas” que venceu o Festival de Cannes na França, em 1962. A música brasileira ganhou o mundo. Quando a “bossa nova” passou a ser referência musical em centros culturais importantes de vários países. Foram criados os Círculos de Cultura, movimento cultural liderado pela União Nacional de Estudantes (UNE), artistas e intelectuais que levavam o teatro, a música, o cinema e a produção cultural em geral para a periferia urbana e para as zonas rurais. Na educação Darci Ribeiro estruturava a Universidade de Brasília e Paulo Freire coordenava o Projeto Nacional de Alfabetização, pois em torno de 50% da população brasileira era analfabeta.

Naquele início de ano de 1963, fui convidado para uma palestra onde um líder nacional da UNE explicou o que era e quais os objetivos das Reformas de Base. Na palestra ouvi a primeira referência a Paulo Freire como autor de um método de alfabetização que começava a ser utilizado para alfabetizar a metade da população brasileira à época analfabeta.

Um ano depois, 1964, todo esse movimento de recriação e afirmação nacional, sustentado no protagonismo popular, foi abortado com o golpe militar que instalou a ditadura que só iria acabar vinte e um anos depois, desgastada com a volta das mobilizações populares. A ditadura instalou a repressão, a censura e o silêncio. Paulo Freire compôs a lista dos exilados, dos forçados a abandonar o país. Neste período terminei o ensino secundário, ingressei na universidade em 1969, fiz a licenciatura em História. Formei-me professor sem nunca ouvir o nome de Paulo Freire durante meu curso de graduação. Em 1973 ingressei no magistério público estadual. Na escola em que fui trabalhar os professores de física, química e matemática gozavam de um grande prestígio, pois lecionavam as disciplinas “difíceis”, onde só os “muito bons” obtinham sucesso. As disciplinas humanísticas não tinham prestígio, eram “fáceis”, sem importância. Foi então que resolvi utilizar os recursos da avaliação para recuperar o prestígio da disciplina de história, aumentando o grau de exigência e reprovando grande número de alunos, como faziam nas disciplinas “difíceis”. A disciplina de História também se tornou “difícil”, adquiriu status de ma-

téria importante e motivo de preocupação pelos alunos como eram a matemática, a física, a química e a biologia.

Foi então que em determinado dia um amigo me presenteou um livro, prevenindo-me que o mesmo era proibido e que teria vindo da Argentina. Era *Pedagogia do Oprimido* em espanhol. A mística da proibição fez aumentar meu interesse, li e reli, página por página. Então descobri minha formação tecnicista e autoritária e minha prática de uma “educação bancária”. A partir daí passei a construir outras ideias e conceitos, pude pela primeira vez perceber a relação do tipo de formação com a promoção do ser humano, com a humanização e com a construção de possibilidades de uma sociedade mais igualitária. Busquei tornar-me educador e Paulo, nos anos 1980 e 1990, esteve presente nas minhas experiências como inspirador e como amigo com quem tive o privilégio de travar os mais fecundos diálogos que até hoje repercutem em minhas práticas docentes.

Neste meu primeiro encontro presencial com Freire pude constatar a coerência de seu discurso e sua prática. Fui surpreendido pelo acolhimento, pela empatia, pela forma afável com que me tratou, parecendo que éramos velhos conhecidos que estavam se reencontrando. Aquele intelectual agudo, famoso, cientista rigoroso, transpirava gestos de humildade, demonstrando nas mais elementares relações, em um encontro que poderia ser formal e puramente racional, como os seres humanos podem exercer a crítica, a liberdade e ao mesmo tempo construir relações respeitadas e amorosas.

Paulo foi membro fundador e integrou o primeiro Diretório Nacional do PT. O PT surgiu como um Partido Educador. Nesta perspectiva o Partido dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul (PT) teve em funcionamento desde a fundação, a Comissão de Educação. Em 1986, na campanha para a eleição da Assembleia Nacional Constituinte, realizou-se o Segundo Encontro Estadual de Educação do Partido dos Trabalhadores com a presença de Paulo Freire que realizou conferência para centenas de professores na Assembleia Legislativa do RS e na ocasião, concedeu-nos entrevista, cujos pontos principais comentamos a seguir. Para compatibilizar

o conteúdo da entrevista com uma compreensão mais atualizada, evitando que ficasse delimitada e datada à época, editei o texto conforme algumas categorias que pontuei, buscando potencializar os elementos conceituais refletidos por Freire em suas respostas. Para isso destaco as seguintes categorias: o caráter do PT; o papel político do educador; relação educador/educando; neutralidade e competência; reprodução e transformação; educador progressista e compromisso; o ensino técnico e a formação dos trabalhadores; defesa do professor e da escola pública. A abertura da entrevista editada a seguir é expressiva da cumplicidade da relação de Paulo Freire com o PT.

JC: O Partido dos Trabalhadores através da sua Comissão de Educação está realizando o Segundo Seminário de Educação Popular, coerente com o nosso discurso de que somos um partido pro ano inteiro, não só pra caçar voto em época eleitoral. Estamos discutindo a questão da educação, tentando uma elaboração coletiva com o objetivo de formularmos uma proposta que interesse às classes populares, que responda às necessidades dos trabalhadores e para a nossa satisfação, nós temos um companheiro conosco muito especial, um militante muito especial, que é o companheiro Paulo Freire que está participando do nosso Segundo Seminário de Educação Popular. Então nós vamos conversar com o Paulo, vamos fazer umas perguntas pro Paulo, nós vamos chamá-lo de Paulo porque é nosso companheiro de partido. Começamos perguntando sobre o papel que o educador pode desempenhar no processo constituinte?

PF: Antes de te dizer como é que eu penso sobre isso, eu gostaria, como militante do PT e não apenas como educador, eu diria como educador militante do PT, eu gostaria de dizer a vocês aqui e a quem venha depois ver e discutir esse papo nosso, eu gostaria de dizer da alegria, de uma satisfação bem comportada que eu tenho em ver como aqui e em outros lugares do país a gente tenta diminuir a distância entre o que a gente diz e o que a gente faz. Eu acho isso de uma importância enorme na vida política desse país. No momento que você disse aí uma frase muito gostosa: nós somos um partido pro ano inteiro e não

apenas para o ano eleitoral, eu acho isso fantástico, isso, no fundo, é o dever da gente, mas no Brasil, de modo geral, o dever do político não é lá muito bem entendido, às vezes, e eu acho que o povo brasileiro, além do direito que tem de cobrar, já começa mesmo a cobrar, a cobrar esse mínimo de coerência que a gente deve ter. Então essa era a minha primeira expressão, a da satisfação de encontrar companheiros do PT vivendo isso que eu chamo de novidade do PT. Se o PT é uma novidade na história política desse país, desse Brasil, o PT precisa encarnar essa novidade.

Neste texto podemos extrair como afirmação importante a íntima relação da ideia do PT com Freire e sua pedagogia libertadora. O Partido como instrumento de luta, libertador, formador de sujeitos políticos, não reduzidos à sigla para períodos eleitorais. Daí a expressão saudada por Freire, tão cara ao Partido nos seus primeiros anos: “um partido para o ano inteiro”. Ao comentar a questão sobre a importância que os educadores teriam na constituinte Freire faz um relevante debate sobre o papel do professor e a ação política.

PF. Em primeiro lugar, a gente tem que explicar: que educador é esse? Porque não existe um papel geral, um papel que faça parte da natureza do educador, porque o papel do educador, da educadora depende da opção política do educador, da educadora. Por exemplo, um educador burguês, enquanto educador e por isso, também enquanto político trabalhará no sentido de opacizar a realidade, manobrando e manipulando em favor do pensamento direitista ou conservador.

Esta elaboração de Freire soa como um alerta importante para quem educa nos dias atuais. A prática da meritocracia selecionando e classificando crianças e adolescentes, conforme os parâmetros mercantilistas é uma forma de “opacizar” a realidade, portanto uma ação política em favor dos interesses direitistas e conservadores.

JC: Professor, companheiro Paulo Freire, tu colocas em vários escritos teus a questão do papel do educador educando, poderia falar um pouco pra nós o que

significa esse educador educando e também dentro dessa questão, acho que estão associadas a essas questões a questão da chamada qualidade do ensino que é muito discutida que se diz que o ensino perdeu a sua qualidade, que uma das razões é a péssima formação do professor e se chega ao extremo de se colocar que basta um professor bem formado com giz e quadro-negro para termos uma boa educação. Como é que tu vês essas colocações e essas questões.

PF: Eu vou começar pela parte final e que é exatamente esta: a da competência. O ato de ensinar é a tarefa central do professor; você imagina o seguinte: um professor que não ensina, ele não é um professor. O ensinante tem que saber o que ensina, [...] ele tem que ter, então, uma competência científica e uma competência metodológica porque ele não precisa apenas saber bem o que ele ensina, mas ele precisa saber como ensina o que sabe.

Mas Freire alerta que não há competência neutra. E isto pode ser percebido se fazendo a pergunta: a serviço de quem e a serviço de que eu ponho a minha competência em ação Essa pergunta tem uma resposta política e não pedagógica, quer dizer, ela é substantivamente política, como a educação é; então, não há competência neutra de jeito nenhum. Afirma a relação da luta de classe e a impossibilidade da neutralidade do professor ao ensinar, pois o ato de educar está condicionado pelo caráter político do ato educativo.

Eu não estou dizendo que há uma luta de classe entre professor e aluno, mas o que eu quero dizer é que a luta de classes permeia a experiência docente, a escola não está isenta disso. Toda competência científica e técnica é, simultaneamente, política. Também,

Freire destaca a importância da formação do professor que o possibilite uma postura crítica sobre o conteúdo que ensina

Para ensinar-se é preciso que se seja competente, é preciso que o professor seja bem formado, mas a formação do professor, a formação da professora passa pela clareza política que ambos têm que ter com relação ao que ensinam.

Embora defenda a clareza política Freire rejeita a postura do professor que transforma sua sala de aula em um espaço de discurso propagandístico e ideológico.

Isso é outra coisa que eu acho que precisa ser enfatizado entre nós, o educador progressista não pode ser espontaneísta, o educador progressista tem que viver plenamente a sua autoridade de professor, o educador progressista sabe que ele não é igual ao aluno, que quando algum educador progressista diz que é igual ao aluno, eu pelo menos desconfio que ou ele mente ou ele é incompetente ou ele faz demagogia, porque na verdade não são iguais, se fossem iguais, educadores e alunos, então tu não conhecerias um e outro porque eles eram iguais, não havia como reconhecer porque não havia diferença, mas um educador progressista sabe que tendo que ensinar, porque como professor ele tem que ensinar, ele precisa, contudo clarificar-se com relação ao que é ensinar, ensinar, quer dizer, ensinar não é impor ao aluno certo conteúdo que o educador pensa que é mais fundamental pro aluno, ensinar não é transferir conhecimento, mas é viabilizar a possibilidade de o educando adquirir, conquistar, assumir o conhecimento; isso tem que ver com as afirmações que eu tenho feito e continuo fazendo, segundo as quais um educador progressista é também um educando do educando. [...] o que eu quero dizer é que todo pensamento dicotomizante se perde e não se autentica como dialético. Quando você dicotomiza, por exemplo, o ato de ensinar e o ato de aprender, você chega a uma postura reacionária, tradicional, segundo a qual ensina quem sabe e aprende quem não sabe e não é bem isso, porque o ato de ensinar, em primeiro lugar, quando vivido criticamente, ele termina por ensinar quem ensina, quer dizer, em primeiro lugar, eu aprendo ensinando, eu aprendo a ensinar e, em segundo lugar, ensinando eu aprendo melhor do que eu ensino, em terceiro lugar, ensinando eu aprendo até dos espantos dos alunos, eu aprendo das suas dúvidas, eu aprendo das suas incertezas e eu aprendo, também, das certezas pouco arrazoadas que às vezes os educandos têm e eu aprendo também e por que não da própria advertência crítica que o educando me faz; negar isso me parece que é negar a própria natureza do ato docente, mas de forma nenhuma e quando digo

que o educador também é educando, também se educa, e agora me lembro de uma afirmação muito conhecida de Marx, na terceira tese sobre Feuerbach, quando ele disse que o educador também precisa ser educado, o grande educador do educador é exatamente a sociedade, é a prática social de que ele faz parte, mas quando eu afirmo que não é possível separar ensinar de aprender eu não estou, de maneira nenhuma, diminuindo o dever de ensinar que o professor tem que o educador tem e, portanto a sua responsabilidade de conhecer o que ensina;

Embora reconheça as diferenças de papéis do professor e do aluno, Freire não dicotomiza o processo de ensinar e aprender. Considera que quem ensina aprende ao ensinar, desde que o ato de ensinar não seja um ato mecânico, mas um processo de ação reflexão e ação, ou seja, a educação como práxis. Segundo Freire a escola não pode ser aprisionada por um ensino acrítico e manipulador. Não se pode reproduzir os métodos e práticas da educação proposta e praticada em favor da classe dominante. Tratando desta linha de raciocínio fala da ambiguidade e das tarefas do lugar do professor. Aponta as possibilidades da escola como espaço de movimento, dialético, não apenas de reprodução, mas também de transformação, pois não é a escola um espaço imune à expressão da luta de classes.

Eu não tenho dúvida nenhuma de que do ponto de vista da classe dominante, a escola se constitui como um espaço para a reprodução da ideologia dominante no poder. Antes mesmo de Althusser, essa constatação já estava na obra de Marx. Porém o papel da escola, o da educação, não é apenas o de reproduzir a ideologia dominante. Essa é a tarefa que a classe dominante espera da escola. Mas há outra tarefa que a classe dominante detesta que é a tarefa a ser cumprida pelos professores progressistas que é a de desmistificar a reprodução ideológica.

Nesse processo de disputa os professores progressistas vivem uma ambiguidade, têm que lidar com a contradição de estar no sistema e desejar superá-lo, afirma:

[...] os professores progressistas estão com um pé no sistema, e outro pé estrategicamente fora deste sistema, que é o pé progressista.

Os dois pés são progressistas, mas taticamente o professor progressista está dentro do sistema e por que ele está dentro do sistema? Está dentro do sistema, porque mesmo que ele reconheça o papel reprodutor da escola, ele sabe também... eu até acrescentaria um pouco mais: mesmo que ele esteja convencido de que para ser progressista plenamente como educador, ele precisa que a sociedade como uma totalidade seja transformada radicalmente, ele precisa que novas condições materiais da sociedade surjam pela transformação da sociedade capitalista para que ele ou ela possam plenamente ser progressistas. Mas ele sabe, também, que antes que a sociedade mude, ele tem muita coisa a cumprir na sociedade, porque mesmo se não cumprir, a sociedade não muda porque o educador progressista sabe que nenhuma transformação radical de sociedade no mundo aconteceu numa certa terça-feira às quatro horas da tarde.

Aqui duas questões importantes são destacadas: a sociedade só pode mudar pela ação dos sujeitos ativos. No caso da educação por educadores atuando como intelectuais orgânicos na perspectiva gramsciana; não há um determinismo para mudanças, as transformações são resultado de processos sociais históricos construídos coletivamente. Mas Freire não descuida também das questões éticas que envolvem as responsabilidades do educador. O vínculo da prática pedagógica com a clareza política exige coerência com os princípios que embasam uma que contribua para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

Um educador progressista não pode fazer cambalachos com o educando, entende? Por exemplo, ele não pode chegar na escola pra dar aula, vamos admitir que ele desse aulas segundas, quartas e sextas e na quarta ele sabe que a quinta é feriado e ele aí insinua aos estudantes a possibilidade de estender o feriado na sexta também e daí ele não daria aula. Não, um educador progressista não faz isso de jeito nenhum, nem tampouco e também não faz isso dizendo: quanto menos eu trabalhar mais eu trabalho contra o senhor capitalista, é falso isso, é absolutamente falso; é tão falso quanto dizer que roubar em um supermercado é a forma que eu tenho, por exemplo, de lutar contra o capitalismo. Não luto contra o capitalismo

roubando, eu luto contra o capitalista é discutindo com as massas populares as razões porque o capitalismo não serve, Eu não sei se eu chego a tocar pelo menos em duas das perguntas que tu fizeste, eu acho que toquei até nas três, mas tu podes insistir em alguma coisa mais.

JC: Olha, eu acho que tu tocaste profundamente as questões que eu levantei e eu queria te fazer uma pergunta agora em relação a questões assim que a gente está vivendo aqui no sistema educacional oficial no Rio Grande do Sul. A questão do ensino técnico, eu, por exemplo, trabalho numa escola técnica e essa escola técnica tinha uma tradição de eficiência e com a 5692 ela foi, mais ou menos, nivelada com todas as demais escolas, transformando-se numa escola profissionalizante e hoje é um grande debate dentro da escola com o objetivo de se voltar a ser uma escola técnica, como seria um ensino técnico voltado para os interesses dos trabalhadores, hoje, na sociedade brasileira?

PF: Olha, eu acho que o ensino técnico como qualquer ensino se ligaria ou se dirigiria aos interesses dos trabalhadores quando, na verdade, os conteúdos desse ensino batessem com as necessidades que os trabalhadores têm. [...] essa capacitação técnica, necessária ao trabalhador deverá estar constantemente associada a uma análise política da própria capacitação técnica, a uma análise do trabalho, a uma compreensão da mais valia da exploração da força de trabalho, aí é preciso que a gente diga que nós estamos convencidos de que essa outra dimensão não pode, nós não podemos esperar que venha do poder como conteúdo programático esse tipo de análise; isso é a tarefa da gente.

A classe dominante no Brasil que tem sua consciência de classe indiscutível vai, cada vez mais, percebendo que é preciso controlar mais a educação. Então, diante desse controle necessário por parte da classe dominante é que eu não vejo como enquanto educadores nós nos contentarmos em apenas pensar e falar numa coisa inviável, que é uma competência científica e técnica sem ao mesmo tempo ser política. Na medida em que a gente se esqueça disso, a gente mais facilmente, eu acho, pode ser cooptado.

Hoje a classe dominante faz um grande esforço para privatizar os corações e mentes dos quarenta e três milhões de jovens das classes populares que estudam nas redes públicas. O chamado “novo” Ensino Médio é uma expressão atual da tentativa da classe dominante de controlar a educação conforme aponta Freire. Nos dias atuais querem obrigar as nossas juventudes a fazer opções precoces por “itinerários formativos”, privando as classes populares do acesso a uma educação geral e profissional qualificada, jogando um “exército” de jovens com formação precária para um uso predatório no mercado de trabalho precarizado, extraindo mais valia para a reprodução do capital em sua fase de acumulação flexível.

JC: Paulo, nós temos uma discussão também a respeito da permanência do estudante na escola. Essa discussão não está muito clara, não está concluída, se seria ou não bom, positivo a permanência durante o período de oito horas, os dois turnos do estudante na escola. Como é que tu vês isso?

PF: Olha, eu vejo essa questão como uma das importantes dimensões para uma luta político-pedagógica. [...] Então, você veja o seguinte: o que é até para esses que pensam, por exemplo, que basta o quadro-negro e competência do professor pra resolver o problema, para esses também eu pergunto: o que é que significa uma escolaridade de três horas? O que significa que as crianças passem três horas na escola, e veja bem, e nas áreas populares e, sobretudo é o tempo das crianças populares, Então o tempo é fundamental, se bem que seja muito importante o que fazer do tempo. Com que encher o tempo, com que conteúdos e com que políticas. Aí, então, cabe a nós enquanto professores progressistas brigar pelo bom uso desse tempo.

O conceito de permanência foi utilizado pelo entrevistador como sinônimo de ampliação do tempo escolar, com significado distinto do que usamos atualmente. Nesta época havia um grande debate no campo progressista sobre o projeto de escolas de tempo integral, Ciep no Rio de Janeiro e Ciem em Porto Alegre. No debate se confundia os conceitos de escola com tempo integral com educação integral, o que em certa medida, ocorre até os dias de hoje. Freire afirma a necessidade

de ampliação do tempo, mas aponta para o desafio de ocupar esse tempo com um projeto pedagógico adequado às classes populares, o que conceituamos atualmente como “educação integral” e com “qualidade social”. Encerra a entrevista com uma defesa eloquente da escola pública.

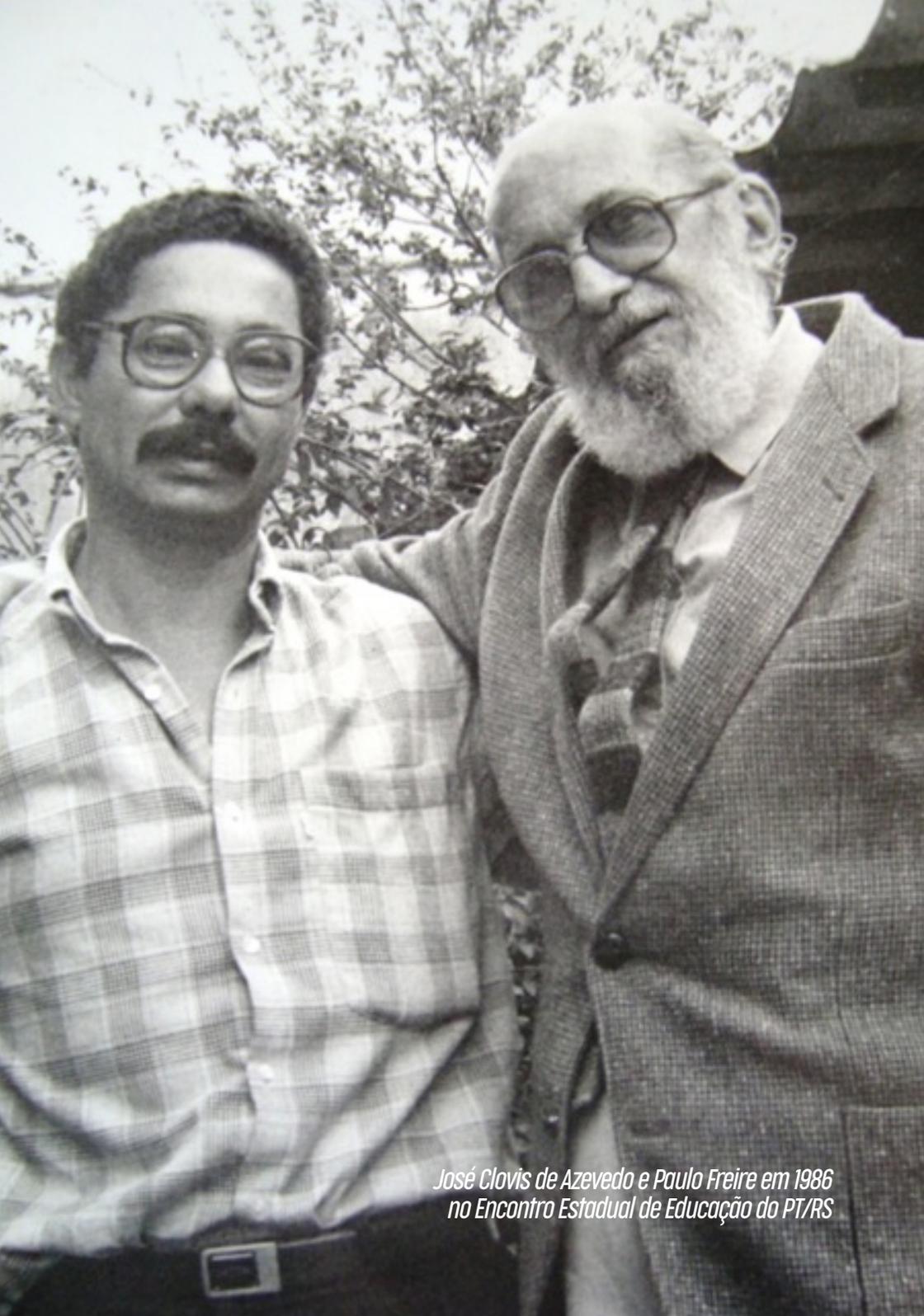
[...] Isso tudo nos leva, eu creio, a um tema com o qual eu acho que a gente pode encerrar essa conversa, que pra mim foi muito gostosa, que é exatamente o tema sobre a briga em torno da escola pública brasileira. Esse é um dos pontos sobre o qual nós, petistas, devemos bater com o pé no chão, fortemente. Nós temos de continuar uma grande luta, primeiro pela escola pública desse país, segundo, para torná-la menos ruim, porque só depois de uma briga em que a gente faça a escola pública atual menos ruim, a gente pode continuar a briga para fazê-la melhor, porque no momento ela alcançou uma debilidade tal, que a gente precisa brigar para ela ser melhor, mas e aí, agora, eu acho que a gente tem que tocar noutro ponto importante: a escola pública vem deteriorando-se não por incompetência, por maldade, por preguiça de seus professores, de jeito nenhum, mas veio se deteriorando como expressão de uma política dirigida contra as massas populares desse país. Por isso, pra mim e eu acho que eu posso dizer para o PT, tornar a escola pública menos ruim nesse país passa pelo respeito ao professor, passa pelo respeito à dignidade do professor, passa pelo salário do professor. A partir daí é que eu acho que se pode falar em melhoria da educação, mas é preciso a gente ter uma visão clara do que é a escola, qual é o papel da escola, do ato de ensinar que ela exige, que ela demanda, mas também se preocupar em fazer esse ato de ensinar uma coisa que não sendo um momento de felicidade romântica, deva ser, porém, um momento de alegria, que aqueles que participam dela, da escola, vivam todo dia certo gozo de alegria, o que não significa de maneira nenhuma, diminuir o esforço que representa aprender, o esforço que representa criar, eu sempre digo aos estudantes: estudar não é uma coisa fácil, é uma coisa difícil, mas dá um gozo essa coisa difícil; essa inclusive é a tese do último, central, uma das teses centrais desse último livro desse grande educador marxista francês chamado Georges Snyders, onde ele estuda exatamente a escola como a alegria de viver, sem significar a alegria ne-

nhum afrouxamento com relação à criança, nenhuma coisa ao “deus-dará”, não, a criança tem que conseguir, tem que ficar feliz dentro de uma disciplina intelectual, sem a qual ela não produz, ela não cria, eu acho que isso, em linhas gerais, é como eu vejo essa questão do tempo, a questão da busca do conhecimento, o papel do professor. Mas tudo isso pra mim sem ficar enfermo, eu acho que tudo isso passa pela visão clara que eu tenho da política.

JC: Tu gostarias de dizer mais alguma coisa para os professores aqui do Rio Grande do Sul?

PF: Não, eu simplesmente diria para os meus companheiros e professores e professoras do Rio Grande do Sul, que confio nelas e confio neles, aposto que a gente está fazendo alguma coisa e lutando por alguma coisa que tem sentido nesse país.

JC: Tivemos, assim, a contribuição do companheiro Paulo Freire, nosso companheiro do PT, e as colocações do Paulo servirão pra enriquecer a discussão que o partido e todos aqueles que estiverem interessados numa educação voltada para o povo, para os trabalhadores poderão, então, utilizar dessas questões para aprofundar essa discussão e nós caminharmos no sentido da libertação da sociedade brasileira, do trabalhador brasileiro, da construção de uma nova sociedade que é o nosso objetivo estratégico, o nosso objetivo fundamental. Muito obrigado.



*José Clovis de Azevedo e Paulo Freire em 1986
no Encontro Estadual de Educação do PT/RS*

PAULO FREIRE: QUE MUNDO TEMOS, QUE ESCOLA QUEREMOS?

Sofia Cavedon

Em 19 de Setembro, o Patrono da Educação Brasileira faria 100 anos. O Brasil e o mundo celebram com reflexão, seminários, debates, lançamento de livros, Fóruns, Cafés... seu Centenário, reinventando-o. O Partido dos Trabalhadores, que ele ajudou a construir, celebra chamando de **Nova Primavera** - um processo de formação que organiza reflexão-ação a partir de nucleação de base que culminará numa Conferência Nacional. Talvez uma das homenagens que Paulo Freire mais apreciaria, pois afirmava que o Partido dos trabalhadores e das trabalhadoras deveria ser instrumento pedagógico para a conscientização e organização para a luta de classes.

Sim, sua pedagogia tinha lado: o dos oprimidos. Afirmava que a educação não era neutra, que reproduzia e impunha os valores hegemônicos da classe dominante, a opressora. Que educadoras e educadores progressistas precisavam refletir sobre o papel que cumpriam, romper com a educação que caracterizava como bancária: a que deposita no aluno conteúdos prontos, indiscutíveis, a história contada do ponto de vista dos vencedores, os heróis das elites; educação que nega a palavra, os saberes, valores, cultura, religiosidade dos educandos. Precisavam assumir a educação dialógica, partindo e valorizando o saber da experiência feita, aprendendo e ensinando a compreender o mundo e, inconformados com ele, transformá-lo.

Desde a alfabetização de jovens e adultos, onde faz sua pesquisa, prática e reflexão, invertendo toda a mecânica destituída de sentido e fragmentada que constituía os métodos de alfabetização tradicional, afirmando que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, Freire inaugura um novo modo de pensar a educação

para e com a classe trabalhadora brasileira: partindo dos saberes e da linguagem do alfabetizando, tornar a aprendizagem do código escrito processo de compreensão do mundo. Mais que isso, como definiu alfabetização em Freire, Ernani Maria Fiori, prefaciando a Pedagogia do Oprimido “aprender a escrever a sua vida como autor e testemunha da sua história, isto é biografar-se, existencializar-se, historicizar-se”.

Para Freire, o analfabetismo não era uma chaga a ser erradicada, mas sim a expressão da realidade social injusta que precisava ser compreendida e superada.

Era o início da década de 60, o Brasil vivia as tensões sobre o Governo João Goulart, que respondendo às demandas sociais com as reformas de base, convida Freire para realizar um potente processo de alfabetização de jovens e adultos no país: o Programa Nacional de Alfabetização. A meta: alfabetizar cinco milhões de brasileiros em dois anos através dos Círculos de Cultura.

Freire é contemporâneo e parceiro de Augusto Boal, que desenvolve o Teatro do Oprimido, como ferramenta política para mudar a realidade brasileira; de Glauber Rocha, do cinema Novo, o cinema que revelava a realidade brasileira; de Francisco Brennand, pintor, ceramista, escultor que desenhou para Freire figuras para sua experiência na educação de adultos. A UNE investia na reflexão e conscientização através de música, teatro, livros através de Centros Populares de cultura espalhados pelo Brasil afora. Esse contexto gestava seus conceitos de povo como sujeito de cultura, cuja tomada de consciência sobre si possibilitava a inserção no mundo para transformá-lo, não adaptar-se a ele.

Freire trabalhava integralmente a educação com a cultura, por serem juntos processos libertários, devolverem a criação, a autoria às e aos sujeitos, portanto, a possibilidade da mudança, a esperança da mudança.

A palavra esperança, muitas vezes flexionada como verbo “esperançar” virou uma marca e evocação central na pedagogia freireana. A esperança vem da con-

cepção de história como campo aberto, não como fatalidade. A desigualdade, a injustiça, a violência e a exploração dos e das trabalhadoras podem ser problematizadas e superadas. Vão dizer que é sonho, utopia. Sim, são conceitos que Freire coloca como condição ontológica, constituinte do ser humano. Vejamos:

“Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social do estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se.” (Freire, 1992. P. 91).

A ruptura da democracia, imposta pelo golpe militar vai ser a negação desse sonho. Interromperam a eclosão cultural dos círculos de cultura, extinguindo o Plano Nacional de Alfabetização já em abril de 1964. Reprimem os e as estudantes, censuram as canções e as peças de teatro, vigiam as salas de aula e retomam a educação mecanicista, meritocrática e elitista. Incompatibilidade assim explicada por Freire: “A compreensão da História como possibilidade e não determinismo, seria ininteligível sem o sonho, assim como a visão determinista se sente incompatível com nele, e por isso, o nega.” (Freire, 1992. P. 92)

A Pedagogia do Oprimido nasce no exílio e desde esse texto que contém os fundamentos de uma educação humanista, democrática, transformadora, emancipatória, Paulo Freire apresenta a educação como processo político de construção do inédito-viável, do sonho possível. Das situações-limite, da denúncia da injustiça, o anúncio, a possibilidade do novo. Na resistência organizou as ideias que denunciavam a opressão problematizando a educação das elites dominantes e apontando a educação popular como estratégia de resistência, conscientização e emancipação da classe oprimida.

De volta ao Brasil já consagrado no mundo acadêmico, estudado em muitas

universidades pelo mundo, Freire vai construir política pública, segue refletindo com e formando educadores para o tempo da realização do direito à educação gravado na Constituição de 88. Vai exortar às marchas como processos coletivos de conscientização, mobilização e avanços democráticos e vai à escola exortar ao estudo, registro, pesquisa para uma educação competente na ruptura com os mecanismos de exclusão e naturalização da desigualdade, e na construção das novas estratégias para a transformação da escola e da vida.

Ao desafio de retomar os ensinamentos freireanos nesta atual conjuntura, em tempos de combate às suas ideias educacionais pelos golpistas que disputam a educação para a ideologia capitalista, hierarquizante e autoritária, conservadora, sexista e preconceituosa com o pobre e a classe trabalhadora - aponto para a necessidade de sua reinvenção, como nos ensina Ana Lúcia Souza de Freitas:

O compromisso com a reinvenção do legado de Paulo Freire traduz um ato político de resistência e reconhecimento do Patrono da educação brasileira como referência da luta por uma sociedade que buscamos construir, da qual a educação faz parte. Assim, a reinvenção de Paulo Freire é um ato coletivo, de quem toma consciência e posição, em coerência com o que propõe o educador em sua Pedagogia do Oprimido.

No texto de Ana Lúcia Souza de Freitas (presente nesta edição do Caderno Argumenta), desafia à “reinvenção do pensamento freireano enquanto presença em nossas experiências” e nos remete a fazê-lo no que refere como a utopia de uma Escola Cidadã. Esse conceito que também intitidou várias experiências e projetos educacionais em cidades administradas pelo Partido dos Trabalhadores, notadamente Porto Alegre, onde a extensão e profundidade da transformação curricular ensejou muitos estudos mundo afora, têm a autoria, a elaboração científico-acadêmica e sistematização coletiva de muitos educadores e educadoras.

Assim afirma José Clóvis Azevedo, que liderou o processo na condição de Secretário da Educação, teorizou e ensinou na academia sobre os conceitos e processos inovadores estruturantes do projeto dessa nova escola:

“Ele é produto histórico da construção social das lutas pela afirmação democrática do direito à educação pública de qualidade... que semearam e acalentaram o sonho embrionário de uma educação emancipadora, associada a um projeto sociocultural voltado à formação de sujeitos históricos capazes de, conscientemente produzir e transformar a sua existência.” (AZEVEDO, 2000. P. 89)

Uma das mais fortes contribuições do PT na teoria e nas experiências de gestão pública, é a democratização do estado através da democracia participativa. A Escola Cidadã buscou implementar no âmbito educacional essa democratização, considerando as dimensões do acesso à educação, da gestão escolar democrática e dialógica e da garantia da aprendizagem e sucesso escolar. Ora, esse tempo de reinvenção da escola, no sentido freireano da educação popular emancipatória, vem sendo modificado gradativamente pelo processo de sucessivas vitórias dos partidos de centro direita tanto em POA quanto no Estado e no País.

Colocados na Resistência, sigamos o exemplo de Freire: revisitemos nossa experiência à luz de seu legado e reinventemos para o novo contexto, as estratégias de luta por outro mundo possível. Diante do golpe e do retrocesso que vivemos, **qual a escola que queremos?**

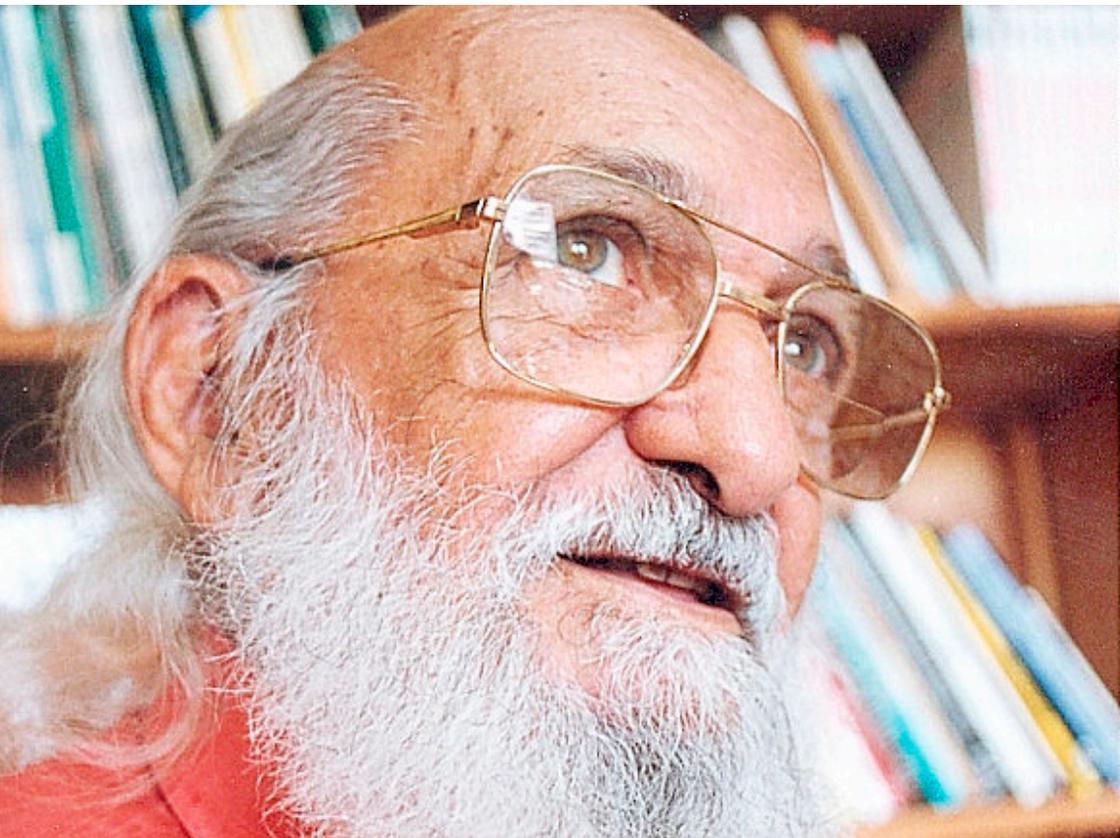
Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Notas: Ana Maria Freire. Rio de Janeiro. Paz e terra , 1992

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. *PEDAGOGIA DO INÉDITO-VIÁVEL: contribuições da participação pesquisante em defesa de uma política pública e inclusiva de formação com educadores e educadoras*. In PDF. PUC/RS Tese apresentada ao Grau de doutora em Educação. 2004

.....Paulo Freire no ano do centenário: legado, reinvenção e compromisso com o futuro. In *Caderno Argumenta nº03*. Publicação do Mandato da Deputada Estadual Sofia Cavedon. Porto Alegre, 2021.

AZEVEDO, Jose Clovis de. *Escola Cidadã: desafios, diálogos, travessias*. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. 2000



PAULO FREIRE NO ANO DO CENTENÁRIO: LEGADO, REINVENÇÃO E COMPROMISSO COM O FUTURO

Ana Lúcia Souza de Freitas¹

Paulo Freire é um pensador comprometido com a vida: não pensa ideias, pensa a existência. (FIORI, 1987, p.9).

A presença/ausência de Paulo Freire sempre foi um tema candente, embora com diferentes ênfases, tais como a preocupação com o silenciamento de seu legado no âmbito da formação acadêmica, com as distorções a partir de leituras ingênuas e romantizadas de sua obra, com compreensões limitadas que associam o pensamento freireano exclusivamente à educação de jovens e adultos, entre outras. No entanto, desde o contexto político do golpe contra a presidenta Dilma, a presença de Freire na mídia e redes sociais ganhou novas nuances, em forma de ataque ao educador. A referência ao seu pensamento é feita de modo descontextualizado, distorcendo o sentido político-pedagógico emancipatório que o caracteriza, notadamente com o intuito de desacreditar o autor e sua obra. Assim, o momento atual exige olhar criticamente para o crescimento da presença/ausência de Paulo Freire, assim como requer redobrar esforços na luta ideológica em que a desinformação e a distorção do pensamento freireano ganham sentido e visibilidade (FREITAS, 2020a).

É relevante reconhecer que as homenagens que celebram a presença de Paulo

¹ Doutora em Educação com estudos de Pós-Doutorado em Pedagogia Crítica. Pesquisadora convidada da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) Campus Jaguarão, integrando o Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas, Avaliação e Gestão da Educação/GEPPAGE. Cofundadora do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França. 0311anafreitas@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/0353498361023674>

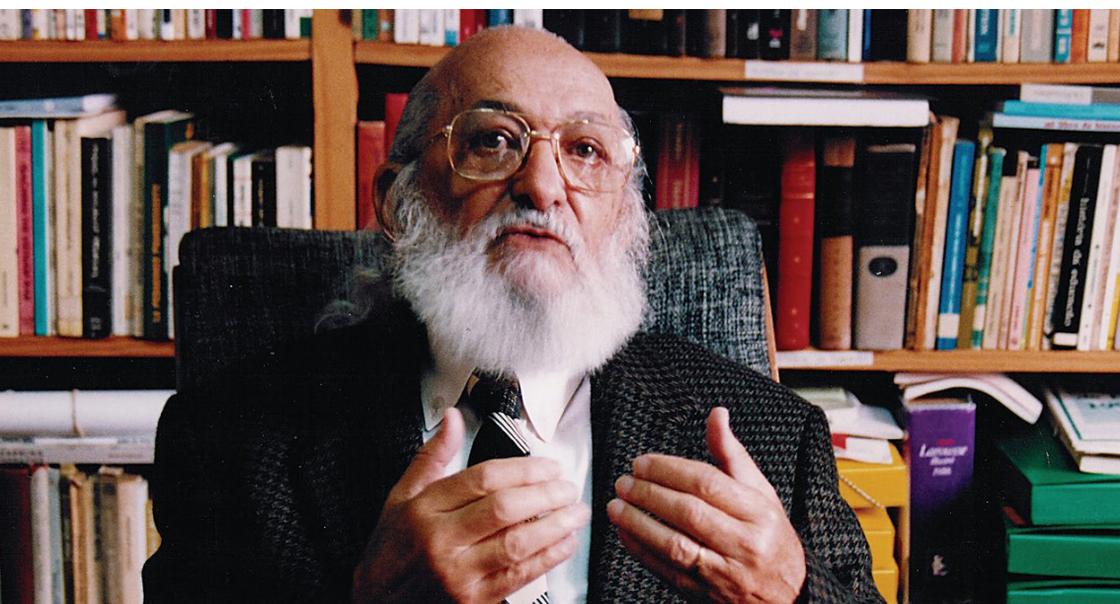
Freire no ano do centenário de seu nascimento (1921-2021) estão trazendo perspectivas promissoras. Muitos são os movimentos, coletivos, grupos, associações, universidades, escolas e outros espaços educativos responsáveis por criar inúmeras e diversificadas atividades virtuais alternativas devido aos protocolos de distanciamento social no contexto da pandemia Covid-19. Freireanamente exercidos, no conteúdo e na forma, os encontros têm servido de alento para aproximar pessoas, unir forças, fortalecer a disposição para o enfrentamento coletivo da adversidade das circunstâncias e para realizar ações conjuntas.

Neste contexto pandêmico, a abundância de materiais digitais produzidos e disponibilizados contribui significativamente para fomentar o conhecimento e reinvenção do legado de Paulo Freire enquanto ação de resistência. Importa reiterar: Paulo Freire não é a solução para todos os problemas da educação, muito menos a causa. **Seu legado é expressão e referência de uma concepção de educação em disputa: uma educação pública, popular, transformadora e democrática.** Assim, o crescente movimento no ano do centenário faz esperar quanto ao compromisso com o futuro, levando em conta o que refere o educador Michael Apple acerca de que “cada geração de educadores críticos deve redescobrir o trabalho de Freire para se reconectar à longa história de lutas educacionais contra a exploração e a dominação” (APPLE, 2017, p.52).

O compromisso com a reinvenção do legado de Paulo Freire traduz um ato político de resistência e reconhecimento do Patrono da educação brasileira como referência da luta por uma sociedade que buscamos construir, da qual a educação faz parte. Assim, a reinvenção de Paulo Freire é um ato coletivo, de quem toma consciência e posição, em coerência com o que propõe o educador em sua *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987). Segundo Scocuglia (2018), reinventar é parte intrínseca do pensamento freireano, porque sua obra apresenta uma autocrítica permanente; também porque revela seu compromisso com a reinvenção do mundo, compreendendo a história como possibilidade e não determinismo; e principalmente pelo modo como escreve, desafiando leitores/as e investigadores/as de sua obra a “se-

gui-lo sem repeti-lo”. O autor considera que são dois os principais caminhos para reinvenção do legado de Paulo Freire: estabelecer conexões com outros pensadores/as e trabalhar a partir de suas incompletudes, ou seja, das ideias esboçadas mas não aprofundadas.

Um terceiro caminho a ser considerado é a reinvenção do pensamento freireano enquanto presença em nossas experiências. Nesta direção, é relevante atentar para o que afirma a educadora e pesquisadora Ana Maria Saul: “Reinventar Paulo Freire exige uma releitura crítica dos pressupostos de sua obra, diante dos desafios que se colocam nos diferentes contextos concretos do tempo histórico.” (SAUL, 2016, p.25). Com base nesta compreensão, o texto tem a intenção de convidar ao diálogo sobre a atualidade dos desafios da reinvenção do legado de Paulo Freire no que se refere à utopia de uma Escola Cidadã. Para tanto, a continuidade da escrita propõe resgatar a memória da significativa presença de Paulo Freire como referência para reinventar a escola pública municipal na experiência da Administração Popular em Porto Alegre (1989-2004). As considerações finais apresentam questões para fomentar e fortalecer o debate de um projeto em disputa, em consonância com o desafio proposto por Cavedon Nunes (2020) acerca de reinventar conceitos e práxis referenciais da Escola Cidadã, para o qual Paulo Freire constitui imprescindível fonte de inspiração e referência.



Paulo Freire na Escola Cidadã em Porto Alegre: legado e reinvenção

Durante quatro mandatos consecutivos, a Administração Popular (AP) do governo municipal em Porto Alegre (1989-2004)², produziu, teórica e praticamente, um importante legado na história da educação municipal no que se refere à fecunda complementaridade entre Democracia Participativa e Educação Cidadã. Em consonância com o projeto de radicalização da democracia na gestão da cidade, a política educacional desenvolvida ao longo deste período contou com a significativa presença de Paulo Freire como fonte de inspiração e referência diante do desafio de reinventar a escola na perspectiva da educação popular. Resgatar a memória deste período é uma forma de reconhecimento e homenagem ao Patrono da educação brasileira, neste ano em que celebramos o centenário de seu nascimento. É também um modo de contribuir para a atualidade do debate sobre os desafios enfrentados para a configuração de uma educação cidadã diante da precariedade das condições de trabalho no contexto da pandemia da Covid-19, agravadas pela conjuntura de retrocesso dos processos democráticos em um país governado sob a égide do negacionismo da ciência.

A pertinência desta proposição se justifica se considerarmos o período decorri-

A primeira gestão da cidade (1989-1992), tendo Olívio Dutra como prefeito, contou com a prof^ª. Esther Pillar Grossi como secretária municipal de educação. A segunda gestão da cidade (1993-1996), tendo Tarso Genro como prefeito, contou com dois momentos na gestão da SMED: o prof. Nilton Bueno Fischer durante os primeiros nove meses (jan a out /1993), e, na continuidade, a prof^ª. Sônia Pilla Vares (nov/1993 - dez/1996). A terceira gestão da cidade (1997-2000), tendo Raul Pont como prefeito, e como secretário municipal de educação o prof. José Clóvis de Azevedo, após ter exercido a função de secretário adjunto, criada, a partir da segunda gestão da SMED. A prof^ª Sofia Cavedon Nunes foi quem ocupou esta função durante a terceira gestão. A quarta gestão da cidade (2001-2004), contou inicialmente com Tarso Genro como prefeito, sendo substituído por João Verle em função de sua descompatibilização para candidatura ao processo eleitoral do governo do estado. Em função disso, a gestão da SMED contou com três momentos distintos. Inicialmente, o prof. Eliezer Pacheco atuou como secretário, tendo o prof. Davi Schmidt como secretário adjunto (jan/2001 - dez/2002); na continuidade, atuou como secretária a prof^ª. Sofia Cavedon Nunes, tendo como secretária adjunta a prof^ª. Maria de Fátima Baierle (jan/2003 - março/2004). Ao final do quarto mandato (abril a dez /2004), a prof^ª. Maria de Fátima Baierle assumiu a função de secretária municipal de educação, tendo como adjunta a prof^ª. Sônia Pilla Vares, devido à descompatibilização de Sofia Cavedon Nunes para participar do processo eleitoral da câmara municipal de Porto Alegre. (Fonte: FREITAS, 2004).

do de mais de 20 anos de descontinuidade e antagonismos à política educacional que instituiu a Escola Cidadã em Porto Alegre. Em função disso, importa considerar que parte dos trabalhadores/as em educação que hoje atuam na rede municipal não participou diretamente do Projeto Constituinte Escolar (PCE), por meio do qual, na ambiência do Orçamento Participativo (OP) da cidade, desencadeou-se o processo de reinvenção da escola (FREITAS, 2020b). Pelo exposto, a produção da memória coletiva sobre a singularidade da Escola Cidadã na AP em Porto Alegre pode ser uma forma de promover o diálogo intergeracional para fortalecer a resistência ao desmonte da política educacional de sustentação do projeto, considerando o que ele representa enquanto utopia concreta de uma educação de qualidade pública, popular, transformadora e democrática, para a qual o legado de Paulo Freire é indispensável.

Com esta intenção, a escrita enfatiza a presença de Paulo Freire na política educacional da AP em Porto Alegre, considerando suas contribuições para o processo de reinvenção da escola na perspectiva da educação popular. As ações exercidas contaram com uma ambiência participativa produzida na experiência do OP, por meio do qual, desde 1989, redefiniu-se o papel do Estado dentro das possibilidades e limites da esfera municipal. Além de concretizar espaços públicos de tomada de decisão, viabilizando a inversão de prioridades de investimentos, a experiência do OP alterou a qualidade das relações exercidas com a cidade (AZEVEDO, 2000; 2005; 2020). Neste contexto, a discussão das políticas setoriais com a população repercutiu significativamente nas práticas educativas no que se refere a estreitar a aproximação - tão tensa quanto fecunda - com as comunidades escolares, gradativamente tornando-se mais participativas e exigentes no processo de democratização da escola.

Neste processo de democratização, Paulo Freire se destaca como inspiração e referência para compreender e exercer criticamente o diálogo de saberes, buscando construir relações de horizontalidade. Na obra na Pedagogia da Esperança (FREIRE, 1992) as palavras de Freire são elucidativas a este respeito.

“Muito bem”, disse em resposta à intervenção do camponês. “Aceito que eu sei e vocês não sabem. De qualquer forma, gostaria de lhes propor um jogo que, para funcionar bem, exige de nós absoluta lealdade. [...] O jogo consiste cada um perguntar algo ao outro. Se o perguntado não sabe responder, é gol do perguntador. Começarei o jogo fazendo uma primeira pergunta a vocês”.

Primeira pergunta:

- Que significa a maiêutica socrática?

Gargalhada geral e eu registrei o meu primeiro gol.

- Agora cabe a vocês fazer a pergunta a mim - disse.

Houve uns cochichos e um deles lançou a questão:

- Que é curva de nível? - Não soube responder. Registrei um a um.

- Qual a importância de Hegel no pensamento de Marx?

Dois a dois.

- Para que serve a calagem do solo?

Dois a dois.

- Que é verbo intransitivo?

Três a dois.

- Que relação há entre curva de nível e erosão?

Três a três. - Que significa epistemologia?

Quatro a três. - O que é adubação verde?

Quatro a quatro.

Assim, sucessivamente, até chegarmos a dez a dez.

Ao me despedir deles lhes fiz uma sugestão: “Pensem no que houve esta tarde aqui. Vocês começaram discutindo muito bem comigo. Em certo momento ficaram silenciosos e disseram que só eu poderia falar porque só eu sabia e vocês não. Fizemos um jogo sobre saberes e empatamos dez a dez. Eu sabia dez coisas que vocês não sabiam e vocês sabiam dez coisas que eu não sabia. Pensem sobre isto”. (FREIRE, 1992, p.48-49).

Esta, entre outras narrativas que constituem as tramas da Pedagogia da Esperança, é exemplar sobre o modo como Paulo Freire se reencontra com a Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1987) reiterando, entre outros conceitos, sua concepção de educação libertadora, fundamentada no reconhecimento dos diferentes saberes e contrariando a hierarquização de uns sobre outros. Esta perspectiva freireana do diálogo de saberes criticamente exercido desafiou, de diferentes formas, as práticas exercidas no processo de reinvenção da escola em Porto Alegre.

Na continuidade, o texto compartilha três sequências de imagens que revelam a presença - direta e indireta - de Paulo Freire no diálogo de saberes exercido na experiência de construção da Escola Cidadã.

Sequência 01: O diálogo de saberes com Paulo Freire em Porto Alegre

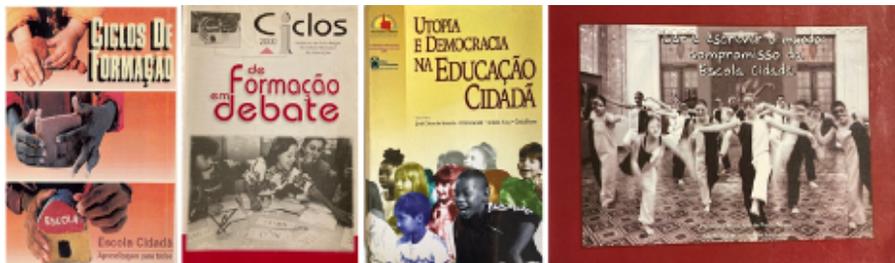


Fontes: Memorial virtual Paulo Freire e acervo pessoal da autora.

Em dezembro de 1995, a Secretaria Municipal de Educação (SMED) contou com a presença de Paulo Freire em um grande encontro realizado no Ginásio Tesourinha, intitulado A Educação Popular morreu? Tendo exercido entre 1989 e maio de 1991 a função de secretário municipal de educação em São Paulo, sua experiência no processo de reinvenção da escola foi fundamental para exercer o diálogo com o processo vivido em Porto Alegre. Dois olhares reinventando a escola foi a reflexão compartilhada com Madalena Freire, também palestrante deste memorável encontro. Em sua entusiasmada reflexão, Paulo Freire nos convida a pensar a reinvenção

da escola como um movimento permanente de busca, “Quer dizer, nada pode paralisar-se, imobilizar-se no ato da invenção. Ao ser inventado começa a querer ser reinventado. Um dos grandes problemas nossos então, é que somos especializados em inventar, mas não em reinventar.” (Memorial virtual Paulo Freire).

Sequência 02: O diálogo de saberes na organização curricular por ciclos de formação



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A organização curricular por ciclos de formação em Porto Alegre constituiu-se como uma proposição *inédito-viável* (FREITAS, 1999; 2004), fundamentando-se na progressão continuada de um percurso formativo constituído por três ciclos consecutivos - a infância, a pré-adolescência e a adolescência - com a duração de três anos cada um, antecipando-se quanto à ampliação do Ensino Fundamental para nove anos. Para tanto, propôs mecanismos institucionais específicos, tais como as turmas de progressão, o laboratório de aprendizagens e as salas de integração e recurso (PORTO ALEGRE, 1995; 1996).

Tal proposição exigiu a reinvenção das práticas mediante o diálogo de saberes entre as experiência na rede municipal e com produções teóricas de referência. Nas palavras da educadora Clarice Gorodicht

É a partir de um sonho (a princípio difuso, talvez utópico), elaborado no vagar do tempo, que professoras, professores, alunos, alunas, membros da comunidade

vão compondo uma realizada dinâmica, interativa e audaz. Para que este sonho venha a se tornar um possível cotidiano, é preciso vários sujeitos nele acreditar. (GORODICH, 2000, p.7).

Para tanto, a reflexão sobre a prática se realizou mediante a constituição de espaços sistemáticos de formação permanentes, tais como os seminários nacionais e internacionais, e, na continuidade, contando como uma política de publicação específica para apoiar a formação continuada na escola.

Seqüência 03: A radicalização do diálogo de saberes no planejamento e organização do ensino na Escola Cidadã



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O Complexo Temático foi a proposta de organização do ensino na escola organizada por ciclos de formação (ROCHA, 1997). Esta proposição foi criada com o intuito de operacionalizar um projeto coletivo de investigação da realidade para a constituição de um currículo situado, ou seja, articulando o conhecimento escolar às experiências da vida em sociedade de um modo geral e às demandas da comunidade local em específico. O caráter inédito-viável desta proposição desafiou a reinvenção das práticas de ensinar e de aprender na escola, redimensionando-as pela experiência da pesquisa. As imagens retratam o Curso de formação realizado com as equipes diretivas das escolas em novembro de 2000, último ano da terceira gestão da AP, momento em que todas as escolas da rede municipal já estavam organizadas por ciclos de formação. A diversidade da expressão gráfica dos Com-

plexos Temáticos compartilhados no curso é elucidativa da boniteza do movimento de reinvenção da escola vivido neste período.

Por fim, vale dizer, o destaque a alguns momentos e ações, em específico, não esgota a reflexão intencionada neste momento: enfatizar o diálogo de saberes como fundamento da práxis na Escola Cidadã e a singularidade da experiência coletivamente produzida na rede municipal de Porto Alegre. Ao contrário, a seleção de imagens compartilha fragmentos da experiência para evocar memórias, suscitar curiosidades e convidar ao diálogo sobre as lições aprendidas no período de dezesseis anos de gestão da AP.

Esta pode ser uma contribuição para fomentar a reflexão sobre as práticas para a configuração de uma Educação Cidadã, considerando o enfrentamento dos novos desafios que se apresentam, sem perder a capacidade de sonhar. Sobretudo porque, como nos ensina Paulo Freire, sonhar coletivamente é uma forma de construir o inédito-viável. Nas palavras de Nita Freire, “o inédito-viável é algo que o sonho utópico sabe que existe mas que só será conseguido pela práxis libertadora [...] é na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um “percebido destacado” pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade (ARAÚJO FREIRE, 1992, p. 206-207).

Considerações para seguir o diálogo

Ao finalizar, a intenção é convidar ao diálogo sobre a imprescindível presença de Paulo Freire para a constituição da Escola Cidadã, em sua concepção e prática. Não se trata de apresentar visões idealizadas, negar a insuficiência das alternativas construídas, nem de encobrir conflitos inerentes ao processo. A intenção é fomentar o debate sobre as questões de fundo que justificam a continuidade da disputa de um projeto. Esta proposição corrobora com os estudos de Ana Maria Saul, ao concluir em suas pesquisas relacionadas à Cátedra Paulo Freire da PUC-SP, que “[...] a obra de Freire pode contribuir, efetivamente, com um pensamento e uma

prática progressistas que têm, no horizonte, a humanização e a utopia de uma sociedade mais democrática, justa e solidária. (SAUL, 2016, p.29).

Assim, é no fecundo tensionamento entre legado e reinvenção que a Escola Cidadã permanece um conceito em disputa, reconfigurando-se a cada momento histórico. Contudo, a manutenção da presença Paulo Freire como inspiração e referência é um modo de não perder de vista o sentido emancipatório que o caracteriza.

Com base neste entendimento, faz sentido atualizar a reflexão coletiva sobre: Quais as concepções estruturantes da proposição da Escola Cidadã criada na gestão da AP em Porto Alegre? Quais os desafios atuais e como a reinvenção do legado de Paulo Freire contribui para enfrentá-los?

Ainda nestas considerações finais, merece enfatizar a relevância do diálogo intergeracional para fortalecer a memória desta experiência, porque as pessoas que “viveram intensamente a reflexão e as práticas constituintes da transformação da escola estão se aposentando, ainda que parte dela ainda atuando nas universidades, em pesquisas e conselhos, porém nas escolas os grupos que se renovam não recebem mais a formação e oportunidade de deliberação em rede, antes existentes.” (CAVEDON NUNES, 2020, p.13).

Registra-se assim o convite para o diálogo sobre a Escola Cidadã, compreendendo a reinvenção do conceito como um ato de resistência, produto e produtor da luta pela sua concretização. Nesta perspectiva se inscreve o compromisso com o futuro do legado de Paulo Freire, em defesa de sua presença em nossas experiências.

Referências

APPLE, Michael W. A educação pode mudar a sociedade? - tradução de Lilian Loman. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ARAÚJO FREIRE, Ana Maria. Notas. In: Freire, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 205-245.

AZEVEDO, José Clóvis de. *Escola Cidadã: desafios, diálogos e travessias*. 2 ed. Revista e atualizada. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. *Escola Cidadã: uma experiência contra-hegemônica*. In: FREITAS, Ana Lúcia Souza de; SILVA, Antonio Fernando Gouvea da; SANTOS, Maria Walburga dos. *Dossiê Temático: Democracia Participativa e Educação Cidadã: legados e reinvenção (ou tempos para esperar)*. *Crítica Educativa*. v. 6, n. 1, 2020b, p. 1-17. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/473> Acesso: 15 julho 2021.

AZEVEDO, José Clóvis de et al. (orgs.). *Utopia e democracia na Educação Cidadã*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Secretaria Municipal de Educação. 2000.

CAVEDON NUNES, Sofia. *Conceitos e práxis referenciais da Escola Cidadã - legados e o desafio de reinvenção* In: FREITAS, Ana Lúcia Souza de; SILVA, Antonio Fernando Gouvea da; SANTOS, Maria Walburga dos. *Dossiê Temático: Democracia Participativa e Educação Cidadã: legados e reinvenção (ou tempos para esperar)*. *Crítica Educativa*. v. 6, n. 1, 2020b, p. 1-20. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/506>

Acesso: 15 julho 2021.

FIORI, Ernani Maria. *Aprender a dizer a sua palavra*. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 22ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.9-21.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 22ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

----- Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. A conscientização como princípio metodológico da formação de professores - registro da reflexão sobre uma experiência ineditamente-viável na política educacional da Administração Popular em Porto Alegre - dissertação de mestrado - PUCRS, julho, 1999.

----- Pedagogia do inédito-viável: contribuições da participação pesquisante em favor de uma política pública e inclusiva de formação com educadores e educadoras. Porto Alegre, RS. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

----- Leituras de Paulo Freire: Uma trilogia de referência. - 2. ed. ampliada. Nova Iorque: Editora BeM, 2020a. E-book Kindle.

----- Projeto Constituinte Escolar: um legado da experiência da Escola Cidadã em Porto Alegre/RS In: FREITAS, Ana Lúcia Souza de; SILVA, Antonio Fernando Gouvea da; SANTOS, Maria Walburga dos. Dossiê Temático: Democracia Participativa e Educação Cidadã: legados e reinvenção (ou tempos para esperançar). Crítica Educativa. v. 6, n. 1, 2020b, p. 1-18. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/488> Acesso: 15 julh 2021.

GORODICHT, Clarice (org.). Ler e escrever o mundo: compromisso da Escola Cidadã. Porto Alegre: SMED/PMPA, 2000.

Memorial virtual Paulo Freire. A educação popular morreu? Cartaz. Disponível em <http://memorial.paulofreire.org/> Acesso: 15 julho 2021.

Memorial virtual Paulo Freire. Reinventar. Verbete. Disponível em:

<http://memorial.paulofreire.org/> Acesso: 15 julh 2021.

PORTO ALEGRE, Secretaria Municipal de Educação. Escola Cidadã: construindo sua identidade. Revista Paixão de Aprender nº 9, dezembro, 1995.

----- . Ciclos de Formação - Proposta Político-Pedagógica da Escola Cidadã. Cadernos Pedagógicos nº 9, dezembro, 1996.

ROCHA, Sílvio. Reflexão sobre a investigação sócio-antropológica na Escola Cidadã. In: Revista Paixão de Aprender nº 10, SMED, PMPA, Porto Alegre, março, 1997.

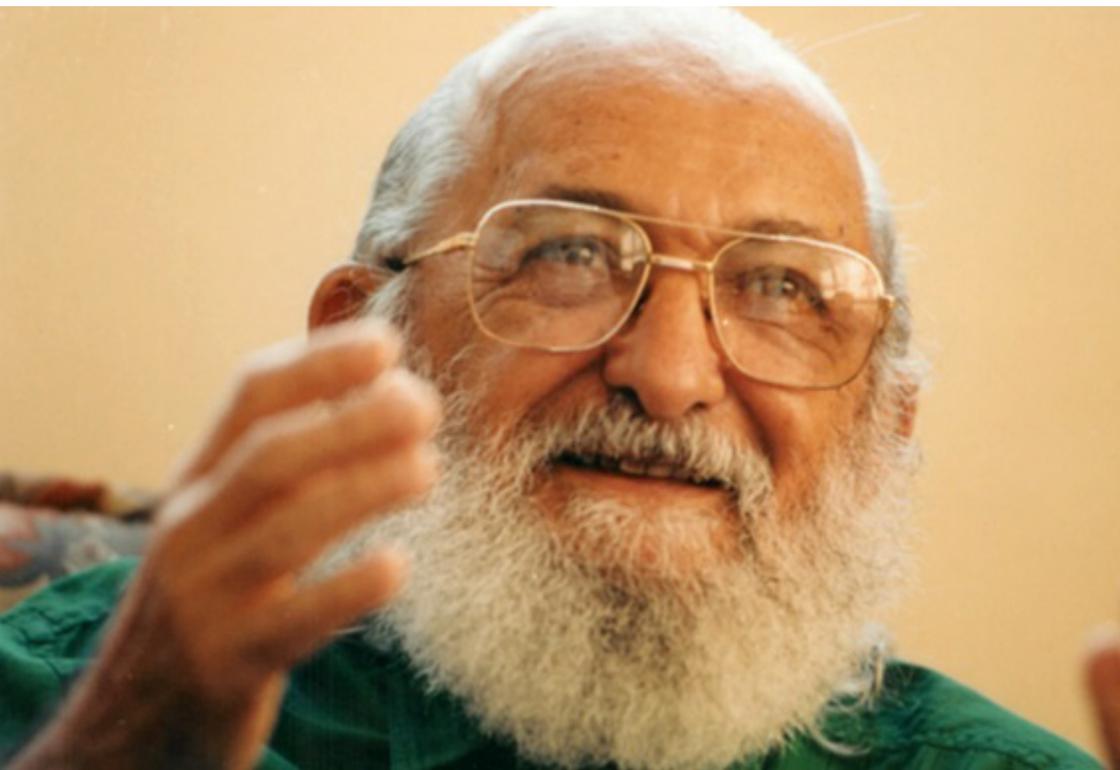
SAUL, Ana Maria. Paulo Freire na atualidade: legado e reinvenção. In: Revista e-Curriculum. São Paulo, v.14, n.01, p. jan./mar.2016, p. 09-34.

Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/download/27365/19377>

Acesso: 15 julh 2021.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. Reinventar/Reinvenção. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). Dicionário Paulo Freire. 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 413-414.





GABINETE DEPUTADA ESTADUAL SOFIA CAVEDON

Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul
Praça Mal. Deodoro, 101 | Sala 1003 | 10º andar
Porto Alegre/RS - sofia.cavedon@al.rs.gov.br